

Grupo de Estudos de *Arts Economics* na FGV EESP

Grupo de estudos composto por pesquisadores e interessados em arte se reúne quinzenalmente na Escola de Economia da Fundação Getúlio Vargas (São Paulo), para examinar artigos e publicações com foco em investimentos no mercado da arte, e textos que exploram o papel da estética e das artes na economia.

Abril de 2019

Katya Hochleitner¹

No Brasil, a História da Arte não é uma disciplina usualmente oferecida nos cursos de Economia, assim como as Ciências Econômicas não são normalmente ensinadas para alunos de História da Arte. À primeira vista, poderia parecer que os economistas consideram a história da arte uma disciplina subjetiva e não exata, enquanto os historiadores de arte e artistas muitas vezes pareçam se arrepiar ao ouvir falar de arte como uma mercadoria com etiqueta de preço.

Mas no mundo todo se desenvolve o estudo da Economia da Arte, conhecida em inglês como *Arts Economics*. Pertencente ao campo da Economia da Cultura, estudada desde a década de 80, *Arts Economics* é um campo de estudo especializado da Economia, assim como também o são a Economia da Saúde e a Economia do Trabalho, por exemplo.

Em poucas palavras, *Arts Economics* é o ramo da Economia que estuda os dados econômicos na

criação, distribuição e consumo de obras de arte. Para tal, *Arts Economics* utiliza análises econômicas e econométricas, investigando também o comportamento dos produtores, compradores, investidores, distribuidores, governos, e demais componentes do mercado da arte. Não deve ser confundido com o estudo da Indústria Cultural, que inclui também cinema, televisão e outros.

Publicações da área de *Arts Economics* têm inclusive um código no sistema de classificação do *Journal of Economic Literature*, para a busca de artigos e publicações do tema. É “JEL:Z11”.

O interesse por *Arts Economics* cresce à medida em que os preços em leilões de obras de arte atingem níveis estratosféricos. Este foi o caso de “Salvator Mundi” de Leonardo da Vinci, pintura que foi vendida pela casa de leilões Christie’s, em 2018, por 450 milhões de dólares, valor mais alto já atingido por

uma obra de arte, de acordo com o jornal New York Times.



Vinci, L. **Salvator Mundi**. 1506-1513.
Óleo sobre tela, 45,4 cm x 65,6 cm.

Mais próxima de nós, e também mais recente, foi a venda da obra “A Lua”, de Tarsila do Amaral, para o MOMA (Museu de Arte Moderna de Nova Iorque), em fevereiro último, pela quantia de 74 milhões de reais ou, aproximadamente, 20 milhões de dólares. Curiosamente, esta era a tela favorita do segundo marido de Tarsila, Oswald de Andrade (Jornal El País).



Amaral, T. **A Lua**. 1928.
Óleo sobre tela, 110 cm x 110 cm.

Os setores público e privado brasileiros têm ampliado sua atuação na área cultural, por sua relevância e potencial de crescimento.

As opiniões contidas nesse texto são de inteira responsabilidade do autor e não refletem necessariamente as da FGV-EESP.

Uma das primeiras estudiosas de *Arts Economics* no Brasil foi a professora Diva Benevides Pinho, da FEA-USP, que em 1989 publicou o livro “A Arte como Investimento – A Dimensão Econômica da Pintura”. Desde então juntaram-se a ela outros autores brasileiros, como Luciano Trigo e José Carlos Durand.

No Rio de Janeiro, a FGV Projetos também observou este mercado com cuidado, tendo publicado em 2016 o relatório “Arte e Mercado no Brasil”, onde explorou as origens do mercado brasileiro de arte, seu desenvolvimento, sua estrutura e caminhos para o futuro, incluindo uma análise econométrica de preços cobrindo o período de 2003 a 2014.

Atentos a esta realidade, um grupo de estudos, composto por pesquisadores e interessados em arte, tem se reunido quinzenalmente na Escola de Economia da Fundação Getúlio Vargas (São Paulo) desde agosto de 2016. Nas reuniões, o objetivo é examinar textos acadêmicos, livros, relatórios e publicações que tenham como foco o mercado da arte, assim como estudar o papel da estética e das artes na economia.

O grupo de estudos conta com participantes provenientes de pontos de circulação e informação de arte (galerias, leilões, locais de exposições e cursos de arte); colecionadores de arte; pesquisadores visitantes; e, principalmente, professores e alunos da FGV (bacharelandos, mestrandos e doutorandos). Nos meses de férias, estagiários da FGV se unem ao grupo.

Nos seus quase dois anos de existência, o Grupo de Estudos FGV *Arts Economics* examinou e discutiu mais de 35 textos, principalmente livros, artigos acadêmicos e relatórios de mercado.

Puderam ser lidos e analisados livros que abrem os olhos do leitor para o mundo da arte, sob o ponto de vista da Economia. Foi o caso do primeiro objeto de estudo, ainda em 2016, o livro “*The \$12 Million Stuffed Shark*” (2008), de Don Thompson. Autor de dez outros livros, Thompson é economista e Professor Emérito da *York University*, de Toronto (Canadá), sendo ainda professor visitante em Harvard e na *London School of Economics*. Este livro foi um dos pioneiros em desvendar, para o leitor comum, as razões do crescimento dos investimentos no mercado de arte em todo o mundo.

Vários autores foram abordados nas sessões do grupo de estudos. Foram dez textos de David Galenson, economista da Universidade de Chicago e pesquisador do *National Bureau of Economic Research* (EUA), incluindo livros como “*Artistic Capital*”. De Iain Robertson, diretor acadêmico de “*Art Business Studies*” no *Sotheby’s Institute of Art* e PhD em Política e Gestão Cultural da *City University* (Londres), foi estudado o texto “*Art Business*”. Foram discutidos, ainda, materiais produzidos por autores como Sebastian Edwards, Anna Dempster, Ariane Oosterlink, Elroy Dimson, Gabriel Perez-Barreiro, David Throsby, Bruno Frey e outros.

Em 2018 o FGV *Arts Economics* se abriu para a comunidade externa, organizando o evento “Mercado de Arte: Ativos e Perspectivas”, que atraiu mais de 150 interessados em arte, do mercado e da academia, para ouvir especialistas debatendo o panorama do mercado de arte no Brasil e suas particularidades.

As opiniões contidas nesse texto são de inteira responsabilidade do autor e não refletem necessariamente as da FGV-EESP.

Neste início de 2019, o grupo de estudos se deparou com relatórios que indicam uma tendência de expansão para o mercado de arte.

O relatório sobre o mercado global de arte em 2018, emitido em 2019, organizado sob a liderança da economista Dra. Claire McAndrew para o banco de investimento suíço UBS (*Union de Banques Suisses*) e para a feira de arte *Art Basel*, apontou alguns resultados importantes.

Em 2018, as vendas do mercado global de arte chegaram a 67,4 bilhões de dólares. O crescimento foi de 6% em relação ao ano anterior, 62% superior ao crescimento do PIB global no mesmo ano, de 3.7% (FMI).

Os Estados Unidos representaram o maior mercado, com vendas de 29,9 bilhões de dólares. O segundo colocado, Inglaterra, apresentou vendas de 14 bilhões de dólares, e o terceiro foi a China, com 12,9 bilhões de dólares. Tendo sido o segundo mercado em 2017, a China caiu em 2018: apresentou queda de 3% nas vendas de obras de arte em relação ao ano anterior.

A Ásia se mostrou como o mercado comprador e colecionista mais jovem, contribuindo para que 45% dos colecionadores pesquisados fossem da geração dos “*Millennials*”, ou geração “Y”, nascidos nas décadas de 80 e 90 do século passado.

O mercado on-line continuou seu crescimento, de 11% em relação a 2017, chegando a 6 bilhões de dólares em 2018.

Os leilões cresceram apenas 3% em 2018, enquanto as feiras de arte cresceram 6%, alcançando vendas de 16,5 bilhões de dólares, representando 46% do mercado global.

Estes números se somam ao valor concedido à arte como fator de criatividade, importante para o desenvolvimento de sociedade e economia. Como disse Sharmeen Obaid Chinoy, CEO da empresa Indiana *SOC Films*, no artigo “*How can artists lead dramatic social change?*”, apresentado no *World Economic Forum* de 2017:

“A boa arte pode educar e criar empatia, e a empatia leva à mudança. Líderes globais em negócios e política estão cada vez mais conscientes disso e estão investindo na arte como uma maneira de se envolver com as comunidades, melhorando vidas e impulsionando o crescimento econômico.”

Em 2008, uma pesquisa com empresários canadenses revelou que 86% dos entrevistados acreditavam que “a arte conduz a comunidades mais integradas”, enquanto 88% admitiam que ela (arte) “tem um impacto positivo também na saúde e no bem-estar” da população.

Em termos econômicos, de acordo com um relatório de 2015 do *Arts Council England*, “...Cada libra de financiamento público direcionado às artes devolve 5 libras em impostos...Na Inglaterra, a contribuição das artes e da cultura para a economia cresceu mais

As opiniões contidas nesse texto são de inteira responsabilidade do autor e não refletem necessariamente as da FGV-EESP.

rapidamente em regiões que lutam para se recuperar da recessão...Esse elo entre o sucesso criativo, social e econômico está ganhando reconhecimento crescente...Como artistas, políticos e líderes empresariais, é nossa responsabilidade ajudar as artes a prosperar - por um mundo mais justo, melhor e mais criativo.”

A Escola de Economia da FGV não poderia estar fora deste movimento. O grupo de estudos *FGV Arts Economics* continuará seu trabalho de estudar a bibliografia, divulgar conhecimento, e apoiar discentes e docentes no desenvolvimento de projetos, estudos e pesquisas aplicadas no campo de *Arts Economics*.

Com visão de futuro, o grupo de estudos *FGV Arts Economics* quer contribuir para a competência da FGV como *think thank*, e também para seu objetivo de “...Ocupar as melhores posições...Em áreas de forte competição internacional”, conforme afirmou o presidente da FGV, professor Carlos Ivan Simonsen Leal².

¹ *Katya Hochleitner é Bacharel em Economia pela FEA-USP, Mestre e Doutoranda em Estética e História da Arte (USP), e pesquisadora do Centro de Estudos em Processos de Investimento - FGV/EESP, na área de Arts Economics. Pode ser contatada nos e-mails: katyahochleitner@fgv.br ou katyahochleitner@uol.com.br*

² *Publicado no website da FGV, em 31 de janeiro último.*